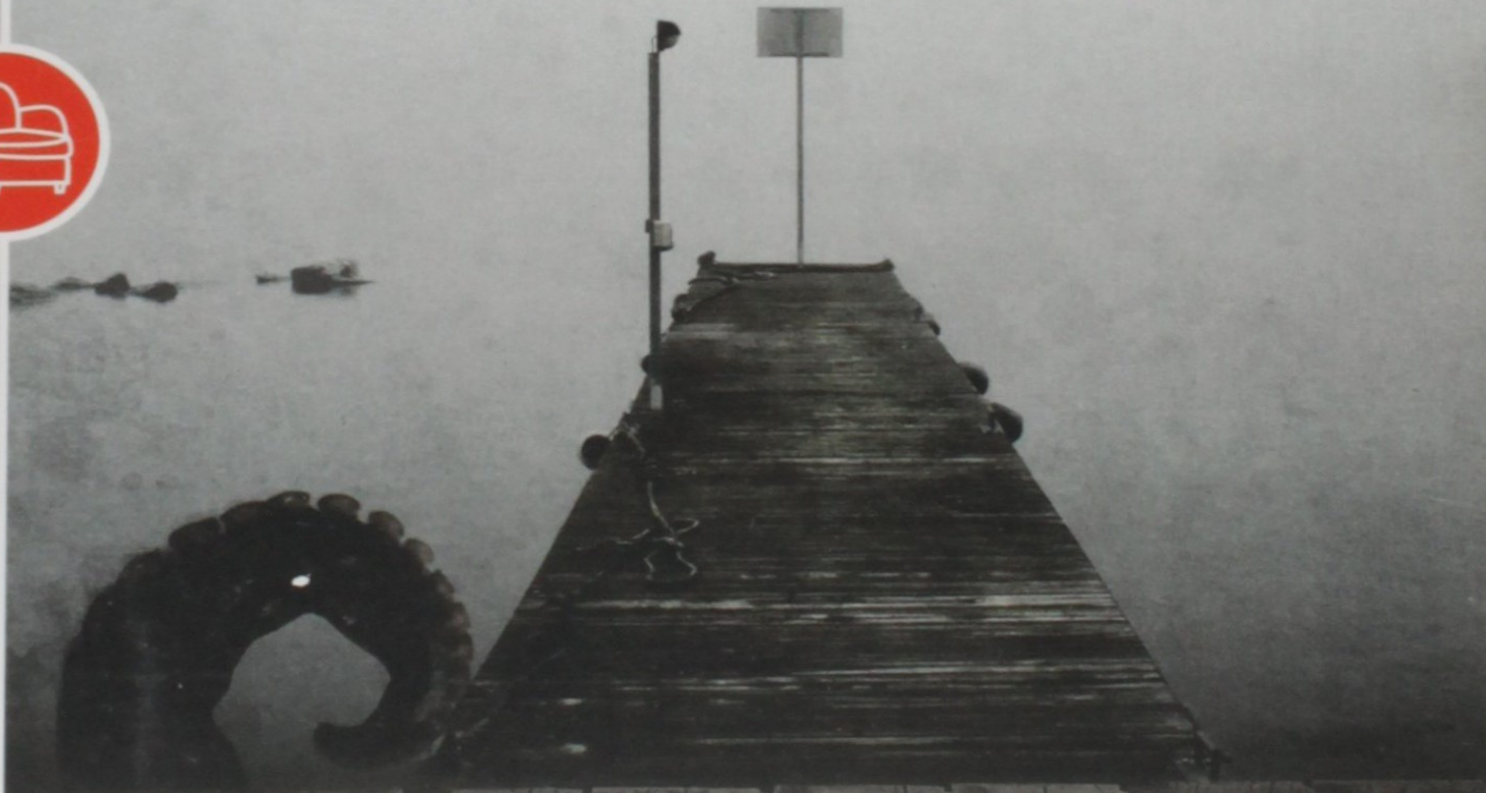


Stephen KING

Tripulação de esqueletos

ponto de leitura



STEPHEN KING

TRIPULAÇÃO DE ESQUELETOS





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer usos comerciais do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando

por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um

nível."

Stephen King

TRIPULAÇÃO DE ESQUADRELETOS

Título Original

◆

A BALADA DO PROJÉTIL FLEXÍVEL

O churrasco havia terminado. Tinha sido excelente; bebidas, a carne malpassada, tostada na brasa, uma salada de verduras e o molho especial de Meg.

Com o jantar às cinco da tarde. Agora eram oito e meia, já quase crepúsculo – a hora em que reuniões malogradas costumam gerar desordem. Contudo, ali não havia uma reunião malograda. Os reunidos eram apenas cinco: o agente e sua esposa, o prestigiado jovem escritor e sua esposa, e o editor da revista, de sessenta e poucos anos, porém parecendo ser mais idoso. O editor dedicara-se a beber Fresca. Antes que ele chegasse, o agente havia contado ao jovem escritor que, uma vez, ali houvera um problema de bebida. O problema desaparecera, bem como a esposa do editor... motivo pelo qual eles eram cinco, em vez de seis.

Ao invés de surgir qualquer desordem, caiu sobre eles um ânimo introspectivo, quando começou a escurecer no pátio dos fundos do jovem escritor, dando para o lago. O primeiro livro do jovem escritor tinha recebido uma crítica excelente e vendera uma boa quantidade de exemplares. Ele era um rapaz de sorte e, para seu crédito, estava a par disso.

Com divertida morbidez, a conversa passara do precoce sucesso do jovem escritor para outros escritores também prematuramente bem sucedidos e que, então, se haviam suicidado. Falou-se em Ross Lockridge, depois em Tom Hagen.

A esposa do agente mencionou Sylvia Plath e Anne Sexton. O jovem escritor disse que não achava Sylvia Plath qualificada como escritora vitoriosa. Ela não se suicidara por causa do sucesso, disse ele; ela obtivera sucesso por ter-se suicidado. O agente sorriu.

– Por favor, não podíamos falar de outras coisas? – perguntou a esposa do jovem escritor, um pouco nervosamente.

Ignorando-a, o agente disse:

– Tam bém há a loucura. Houve os que enlouqueceram devido ao sucesso.

O agente falava nos tons brandos, mas gorgoados, de um ator nos bastidores. A esposa do escritor ia protestar novamente – ela sabia que o marido, além de gostar de falar sobre o assunto, também pilheriava a respeito, porque pensava demais naquilo quando o editor da revista começou a falar. E ele disse algo tão estranho, que ela esqueceu o protesto.

– A loucura é um projeto ético flexível.

A esposa do agente olhou para ele, intrigada. O jovem escritor inclinou-se para diante, com ar inquisitivo.

– Isso mesmo soa familiar... – disse ele.

– Sem dúvida – replicou o editor. – Esse termo, a imagem, "projeto ético flexível", é de Marianne Moore. Ela a usou para descrever um ou outro tipo de carro.

Eu sempre pensei que descrevia perfeitamente a condição da loucura. A loucura é uma espécie de suicídio mental. Hoje em dia, os médicos não afirmam que a única maneira de realmente medir-se a morte é através da morte da mente? Pois a loucura é uma espécie de projeto ético flexível para o cérebro.

A esposa do jovem escritor procurou mudar de assunto.

– Alguém quer outra bebida?

Ninguém se manifestou.

– Pois eu quero, já que iremos falar dessas coisas – disse ela, e saiu para preparar seu drink.

– Apresentaram-me uma história certa vez, quando eu trabalhava em sua seleção, em Logan's. Naturalmente, já encerrou suas atividades, da mesma forma que Collier's e agora The Saturday Evening Post, porém sobrevivem

os a am bos. – Ele declarou isto com um toque de orgulho na voz. –
Publicávam os trinta e seis contos por ano, talvez mais, e a cada ano, quatro
ou cinco deles figuravam na coleção de alguém com o melhores do ano. E as
pessoas os liam .

De qualquer modo, o nome desta história a que me referi era "A Balada do
Projétil Flexível", tendo sido escrita por um homem chamado Reg Thorpe.
Um rapaz da idade deste jovem aqui e também um sucesso.

– Não foi ele que escreveu Underworld Figures? – perguntou a esposa do
agente.

– Sim , foi ele. Um a ficha espantosa para um primeira novela... Críticas
espetaculares, vendas formidáveis em brochura e encadernação, Associação
Literária, tudo. Inclusive o filme e foi bom , em bora não tanto com o o livro.
Nem lhe chegou aos pés.

– Eu adorei aquele livro – disse a esposa do autor, novamente atraída à
conversa, em bora a contragosto. Tinha a surpresa e agradável expressão de
quem acaba de recordar algo esquecido por muito tempo. – Ele escreveu mais
alguma coisa em seguida? Li Underworld Figures quando frequentava a
faculdade, e isso foi...

bem , há muito tempo, para lembrar agora.

– Você não envelheceu um dia desde então – disse a esposa do agente, em
tom simpático, em bora achando que a esposa do jovem escritor usava um
corpete pequeno demais e shorts muito apertados.

– Não, ele não tornou a escrever – disse o editor. – Exceto por esta única
história de que falei. Ele se matou. Ficou louco e matou-se.

– Oh! – exclamou desoladamente a esposa do escritor. Eles voltavam ao tempo

– E o conto foi publicado? – perguntou o jovem escritor.

– Não, mais não porque o autor enlouquecesse e se matasse. Ela já mais foi

im pressa, porque o editor ficou louco e quase se matou.

O agente levantou-se de súbito para renovar seu drinque, que dificilmente precisava ser renovado. Ele sabia que o editor tivera um colapso nervoso no verão de 1969, não muito antes de Logan's ter afundado em um mar de tinta vermelha.

– Eu era o editor – informou o editor aos restantes. – Em certo sentido, ficaram os loucos juntos, Reg Thorpe e eu, embora eu estivesse em Nova York, ele em Omaha e nem mesmo os conhecêssemos. Seu livro havia sido publicado seis meses antes, e ele se mudou para lá, a fim de "ordenar as idéias", como se dizia então. Só sei este lado da história, porque vejo ocasionalmente a esposa dele, quando ela vem a Nova York. É pintora e bastante boa nisso. Aliás, é uma moça de sorte. Ele quase a levou consigo.

O agente voltou e sentou-se.

– Com quem me lembrar de algo disso agora – falou. – E não foi apenas a esposa, certo? Ele baleou duas outras pessoas, uma delas uma criança.

– Exatamente – confirmou o editor. – E foi a criança que finalmente desencadeou a loucura.

– A criança o levou à loucura? – perguntou a esposa do agente. – O que quer dizer com isso?

O rosto do editor, no entanto, dizia que não ia ser forçado; falaria, mas sem que o questionassem.

– Conheço o meu lado da história, porque o vivi – disse o editor da revista. –

Também sou um sujeito de sorte. Tive uma maldita sorte. É uma coisa interessante, sobre aqueles que tentam matar-se apontando uma arma para a cabeça e puxando o gatilho. Qualquer um pensaria que é um método certo, melhor do que pílulas ou cortar os pulsos, mas não é. Quando uma pessoa dá um tiro na cabeça, não pode dizer o que vai acontecer. O balaço pode ricochetear no crânio e matar alguém mais. Pode seguir a curvatura craniana inteira e sair do outro lado. Pode alojarse no cérebro e cegar a pessoa,

sem m atá-la. Um hom em pode m eter na testa um a bala de um 38 e acordar no hospital.

Outro pode m eter na testa um a bala de um 22 e acordar no inferno... se é que existe tal lugar. Sou propenso a crer que está aqui m esm o, na terra, possivelm ente em Nova Jersey .

A m ulher do escritor riu um tanto agudam ente.

– O único m étodo infalível de suicídio é atirar-se de um prédio bem alto, m as esta é um a saída tom ada apenas pelos extraordinariam ente dedicados.
Causa

tanta confusão, não é m esm o?

"Meu ponto, contudo, é sim plesm ente este: quando a pessoa atira em si m esm a com um proj étil flexível, em realidade ignora qual será o desfecho. No m eu caso, saltei de um a ponte e acordei em um aterro entulhado de lixo, com um m otorista de cam inhão espancando-m e as costas e bom beando m eus braços, para cim a e para baixo, com o se tivesse apenas vinte e quatro horas para ficar em form a e m e tom asse por algum aparelho para exercitar-se em rem adas.

Para Reg, o proj étil foi letal. Ele... Bem , lá estou eu contando um a história e nem sei se querem ouvi-la.

Ele olhou inquisitivam ente em torno, à penum bra cada vez m aior. O agente e sua esposa entreolharam -se, duvidosos. A esposa do escritor ia falar que j á haviam tido um a dose suficiente de assuntos lúgubres, quando seu m arido disse:

– Eu gostaria de ouvi-la. Caso não se im porte de contá-la, por m otivos pessoais, quero dizer.

– Nunca a contei – disse o editor – porém não por m otivos pessoais. Talvez nunca tenha encontrado os ouvintes certos.

– Pois então, conte! – convidou o escritor.

– Paul... – Sua esposa lhe pôs a mão no ombro. – Não acha que...

– Agora, não, Meg.

O editor disse:

– A história chegou de bandeja, uma vez que nessa época, a Logan's há muito deixara de ler textos não solicitados. Quando eles chegavam, uma moça se limitava a enfiá-los em envelopes de devolução, anexando uma nota: "Devido à crescente despesa e à crescente impossibilidade do pessoal editorial em dar conta do número crescente de textos recebidos, Logan's deixou de ler manuscritos não solicitados. Desejamos-lhe sorte e que coloque sua obra em outra editora". Não é um formulário punhado de conversa fiada?

Não é fácil usar a palavra "crescente" três vezes em uma só frase, mas eles conseguiram.

– E se não houvesse selos para a devolução, a história ia para a cesta de papéis –

disse o escritor. – Não é?

– Oh, inapelavelmente! Não há piedade na cidade nua.

Uma estranha expressão de desconcerto pairou no rosto do escritor. Era a expressão do homem em que está em uma cova de tigres, onde dúzias de homens melhores já foram rasgados em pedaços. Até então, este homem não viu tigre algum. Contudo, ele pressente que os tigres estão lá e que suas garras continuam afiadas.

– De qualquer modo – disse o editor, pegando sua cigareira – esta história chegou e a moça da sala de correspondência a pegou, grampeou a fórmula de rejeição à primeira página e já ia enfiá-la no envelope de devolução, quando viu o nome do autor. Bem, ela tinha lido *Underworld Figures*. Todos a tinham lido naquele outono ou estavam lendo, quando não se encontravam na lista de espera da livraria ou visitando as prateleiras dos drugstores pela edição em brochura.

A esposa do escritor, que percebera a mesma entãnea inquietude no rosto do marido, tomou-lhe a mão. Ele sorriu para ela. O editor acendeu o cigarro com um isqueiro Ronson de ouro e, à crescente escuridão, todos puderam ver quanto desfigurado estava seu rosto – as bolsas frouxas abaixo dos olhos, com uma pele sem elhante à dos crocodilos, as faces marcadas por sulcos, a ponta do queixo do velho emergindo daquele rosto de avançada meia-idade, com o ar proa de um navio. Um navio, pensou o escritor, que se chama Velhice. Ninguém deseja um cruzeiro nele, porém os camarotes estão cheios. Por falar nisso, também os porões.

O isqueiro apagou-se e o editor, sugou pensativamente o cigarro.

– A moça da sala de correspondência que leu aquela história e a passou adiante, em vez de devolvê-la ao autor, é hoje editora-chefe na G. P. Putnam's Sons. Seu nome não vem ao caso; importante é que, no grande gráfico da vida, o vetor dessa jovem se cruzou com o de Reg Thorpe, na sala de correspondência da revista Logan's. Seu vetor subia, o dele descia. Ela entregou a história a seu chefe e esse chefe a passou para mim. Eu a li e adorei. Em realidade, era um pouco longa, mas pude ver onde ele cortaria quinhentas palavras, sem deturpar o sentido.

Então, ficaria ótima.

– Qual era o tema? – perguntou o escritor.

– Você nem devia perguntar – replicou o editor. – Ele se ajustava maravilhosamente ao contexto total.

– É sobre enlouquecer?

– Sim, de fato. Qual é a primeira coisa que lhes ensinam, em seu primeiro curso universitário de escrita criativa? Escreva sobre o que você sabe. Reg Thorpe sabia sobre ficar louco, porque estava envolvido nisso. A história provavelmente me tenha seduzido, porque eu também me achava no mesmo caminho. Agora você diria – se fosse editor – que a única coisa que não precisa ser impingida ao público leitor americano, é outra história a respeito de Enlouquecer Elegante na América, tema secundário. Não existe mais diálogo. Um tema popular, na literatura do século XX. Todos

os grandes escreveram a respeito e todos os escribas parecem obcecados por isso. Contudo, aquela história era engraçada. Quero dizer, era de fato hilariante.

"Eu não havia lido nada igual antes e não li até hoje. O mais próximo seriam alguns dos contos de F. Scott Fitzgerald... e Gatsby. O personagem na história de Thorpe estava enlouquecendo, mas enlouquecia de maneira muito divertida. A gente ri o tempo todo e havia duas passagens – aquela em que o herói despeja a gelatina de limão na cabeça da moça gorda e a melhor – em que se dava gargalhadas. Só que são gargalhadas nervosas, com preensão. Rimos e depois queremos olhar por cima do ombro, para saber o que ouvimos. As linhas opostas de tensão nessa história são realmente extraordinárias.

Quanto mais se ri, mais nervoso se fica. E quanto mais nervoso, mais se ri... até o ponto em que o herói sai da festa dada em sua homenagem e volta para casa, onde mata a esposa e a filhinha.

– Qual é a trama? – perguntou o agente.

– Ora, isso não vem ao caso – replicou o editor. – Tratava-se apenas de uma história sobre um rapaz que, aos poucos, ia perdendo o controle para enfrentar o sucesso. É melhor que tudo fique vago. Uma sinopse detalhada da trama seria apenas tediosa.

Sempre é assim.

"De qualquer modo, escrevi-lhe uma carta. Dizia o seguinte:

"Caro Reg Thorpe, Acabei de ler "A Balada do Projétil Flexível" e achei excelente. Gostaria de publicá-la em Logan's, no início do próximo ano, se lhe convier. Acha que 800 dólares soam bem?

Pagam então contra aceitação. Mais ou menos". Ponto parágrafo.

O editor pontilhou o ar noturno com seu cigarro.

"A história está um pouco longa e gostaria que você a encurtasse em cerca de

quinhentas palavras, se for possível. Eu estabeleceria um corte mínimo de duzentas palavras. Podem os fazer um a ilustração". Ponto parágrafo.
"Telefone, se interessar."

Minha assinatura. E lá se foi a carta para Omaha.

– E ainda se lembra dela, palavra por palavra, com o disse? – perguntou a esposa do escritor.

– Mantenho toda a correspondência em um arquivo especial – disse o editor.
– As cartas dele, as cópias das minhas. No fim, havia uma boa pilha, incluindo-se três ou quatro cartas de Jane Thorpe, sua esposa. De vez em quando leio tudo aquilo.

Não é muito bom, claro. Querer tentar com prender o projétil flexível, é tentar com prender com o um a fita de Möbius só pode ter uma superfície. É assim que são as coisas, neste melhor-de-todos-os-possíveis mundos. Sim, sei a carta palavra por palavra ou quase isso. Algumas pessoas sabem a Declaração da Independência de cor.

– Aposto com o ele telefonou no dia seguinte – disse o agente, sorrindo. – A cobrar.

– Não, ele não telefonou. Logo depois de Underworld Figures, Thorpe deixou completamente de usar o telefone. Foi sua esposa que me contou. Quando se mudaram de Nova York para Omaha, eles nem mesmo foram instalar um aparelho na casa nova. Compreendem, ele havia decidido que o sistema telefônico não funcionava realmente à base de eletricidade, mas do radium.

Thorpe achava que este era um dos dois ou três segredos bem guardados do mundo. Afirma para sua esposa que era o radium o único responsável pela porcentagem crescente de câncer, não os cigarros, emissões de automóveis ou a poluição industrial. Cada telefone tinha um pequeno cristal de radium no fone, de modo que, em todas as vezes quando era usado, a pessoa injetava radiação na cabeça.

– Nossa, o cara era mesmo louco – disse o escritor, e todos eles riram.

– Ele escreveu, em vez de telefonar – disse o editor, com um piparote atirando seu cigarro na direção do lago. – Sua carta dizia o seguinte: "Caro Henry Wilson (ou apenas Henry, se possível), Sua carta foi não apenas excitante, mas também muito gratificante. Minha esposa ficou ainda mais satisfeita do que eu. O dinheiro está ótimo... embora eu deva dizer, com toda sinceridade, que a ideia de ver o conto publicado em Logan's é e pareceu uma ótima ideia do que adequada (contudo, eu o aceito, vou aceitá-lo). Estive examinando os cortes que indicou e parecem oportunos. Acredito que melhorará a história, além de deixarem espaço para aquelas ilustrações. Atenciosamente, Reg Thorpe."

– Sob sua assinatura havia um pequeno e curioso desenho... mais com o um rabisco. Um olho em uma pirâmide, com o aquele no verso da nota de um dólar.

Contudo, em vez de Novus Ordo Seclorum, na faixa abaixo, havia estas palavras: Fornit Som e Fornus.

– Deve ser latim ou Groucho Marx – disse a esposa do agente.

– Era apenas parte da crescente excentricidade de Reg Thorpe – respondeu o editor. – Sua esposa me disse que ele começara a acreditar nas "pessoas mágicas", algo assim com os elfos e fadas. Os Fornits. Eram os elfos da sorte e Reg achava que um deles me orava em sua máquina de escrever.

– Oh, meu Deus! – exclamou a esposa do escritor.

– Segundo Thorpe, cada Fornit possuía um pequeno dispositivo, com um pulverizador, cheio de... pó-da-sorte, creio que poderia dizer-se assim. É o pó-da-sorte...

– ... tinha o nome de fornus – completou o escritor, sorrindo amplamente.

– Exato. A esposa dele achava isso muito divertido. A princípio. De fato, no início

– Thorpe havia concebido os Fornits dois anos antes, enquanto rascunhava Underworld Figures – ela pensava apenas que Reg estivesse lhe fazendo um

a brincadeira. Talvez, no com eço ele estivesse m esm o. A coisa parece ter progredido de fantasia a superstição e de superstição a crença absoluta. Era um a... um a fantasia flexível. Só que rij a no fim .

Muito rij a.

Todos ficaram calados. Os sorrisos m orreram .

– Os Fom its tinham seu lado engraçado – disse o editor. – A m áquina de escrever de Thorpe com eçou a ir regularm ente para o concerto, no final da perm anência do casal em Nova York, idas que se tornaram ainda m ais freqüentes quando se m udaram para Om aha. Thorpe escrevia em um a m áquina em prestada, quando a sua foi consertada a prim eira vez, j á em Om aha. O gerente da firm a ligou dias depois de Reg receber sua m áquina de volta, para com unicar que lhe m andaria um a conta, pela lim peza não só da m áquina de em préstim o, com o da que pertencia a ele.

– Qual era o problem a? – quis saber a esposa do agente.

– Acho que sei – disse a esposa do escritor.

– Ela estava cheia de com ida – disse o editor. – Pedacinhos dim inutos de bolo e biscoitos.

Havia tam bém m anteiga de am endoim na peça em que são fixados os tipos da m áquina.

Reg estava alim entando o Fornit que vivia em sua m áquina de escrever.

Tam bém colocara com ida na m áquina de em préstim o, na hipótese de que o Fom it se tivesse m udado para ela.

– Caram ba! – exclam ou o escritor.

– Eu não sabia de nada disso então, com preendam . Por essa vez, escrevi em resposta, dizendo-lhe o quanto estava satisfeito. Minha secretária datilografou a carta e a trouxe para que eu a assinasse, m as então precisou sair para fazer qualquer coisa. Assinei, e ela ainda não tinha voltado. Foi quando – sem a m enor razão para tanto – fiz o m esm o desenho garatuj ado abaixo de m eu

nom e.

Pirâm ide. Olho. E "Fornit Som e Fornus".

Loucura. A secretária viu aquilo e perguntou se eu ia m andar a carta assim m esm o. Dei de om bros, disse-lhe que a enviasse.

– Dois dias m ais tarde, Jane Thorpe m e telefonou. Disse que m inha carta deixara Reg m uitíssim o excitado. Ele pensava que achara um a alm a gêm ea... outra pessoa que tam bém sabia sobre os Fornits. Vêem a que situação louca estava chegando a situação?

Que m e conste, àquela altura um Fornit poderia ser qualquer coisa, desde chave-inglesa para canhotos a faca de carne polaca. Idem para fornus. Expliquei a Jane que m e lim itara a copiar o desenho de Reg. Ela quis saber por quê. Esquivei-m e à pergunta, em bora a resposta pudesse ser que eu estava m uito bêbado, quando assinei a carta.

Ele fez um a pausa, e um silêncio incôm odo caiu sobre o pátio dos fundos. As pessoas olharam para o céu, para o lago, as árvores, em bora não estivessem m ais interessantes agora, do que tinham estado um ou dois m inutos antes.

– Eu tinha estado bebendo durante toda a m inha vida adulta, sendo-m e im possível dizer quando a situação m e escapou ao controle. No sentido profissional, eu ia do topo da garrafa até quase o próprio final. Com eçava a beber no alm oço e voltava tocado para o escritório. Contudo, funcionava perfeitam ente bem . Era a bebida depois do trabalho – prim eiro no trem e depois em casa – que m e levava para além do ponto funcional.

"Eu e m inha esposa vínham os tendo problem as não relacionados à bebida, m as o fato de beber piorava ainda m ais aqueles problem as. Ela viera se preparando para ir em bora havia m uito tem po. Um a sem ana antes da história de Reg Thorpe chegar, ela se foi.

"Eu tentava m anejar a situação, quando deparei com a história dele. Agora bebia pesadam ente. E, para cúm ulo, estava tendo – bem , acho que agora é m oda dar a isso o nom e de crise da m eia-idade. Na época, sabia apenas que

estava deprimido por causa de minha vida profissional e também da vida pessoal.

Procurava lutar contra – ou tentava – um a crescente sensação de que editar histórias em massa para o mercado, histórias que terminariam sendo lidas por pacientes nervosos no dentista, donas de casa na hora do almoço e um ocasional universitário entediado, não era propriamente uma atividade nobre. Procurava também lutar contra a ideia – novamente, tentava, aliás, era o que todos faziam os na Logan's, nessa época – de que em mais seis meses, dez ou quatorze, talvez não houvesse mais nenhum a Logan's.

"Então, nessa monótona paisagem outonal da meia-idade angustiada, surge uma boa história, de autoria de um bom escritor – um a energética e divertida espiada à mecânica do enlouquecer. Foi com o um raio brilhante de sol. Sei que parece estranho dizer isso sobre uma história que termina com o personagem matando a esposa e a filha pequenina, porém perguntem a qualquer editor o que ele considera uma real alegria, e ele lhes dirá que é a grande novela ou história inesperadas, caindo em sua mesa de trabalho com o um grande presente de Natal. Bem, vocês todos conhecem aquela história de Shirley Jackson, "A Loteria". Ela termina da maneira mais deprimente que se possa imaginar. Quero dizer, uma bela dama é apedrejada até morrer. Seu filho e sua filha participam de seu assassinato, pelo amor de Deus! Contudo, foi uma história e tanto... e

aposto com o editor da New York que primeiro leu a história, naquela noite voltou assobiando para casa.

"O que estou tentando dizer é que a história de Thorpe foi a melhor coisa em minha vida, naquele momento. A única coisa boa. E, segundo o que a esposa dele me disse ao telefone, nesse dia, minha aceitação da história foi a única coisa boa que tinha acontecido a Thorpe ultimamente. O relacionamento escritor-editor é sempre um parasitismo, porém no meu caso e de Reg, esse parasitismo foi elevado a um grau incomum.

– Voltem os a Jane Thorpe – pediu a esposa do escritor.

– Certo. Penso que a deixei em um desvio, não? Ela ficou zangada no tocante aos Fornits. A princípio. Conte-lhe que apenas garatujara aquele sim bolo

olho-e-pirâmide, sem saber ao certo seu significado, e me desculpei pelo que quer que houvesse feito.

"Ela domou sua raiva e soltou tudo para mim. Estivera ficando cada vez mais ansiosa, sem ter com quem desabafar. Seus pais estavam mortos e todos os seus amigos viviam em Nova York. Reg não permitia a presença de ninguém em casa, além deles dois, alegando que os outros eram gente do Imposto de Renda, do FBI ou da CIA.

Não muito depois de se mudarem para Omaha, uma garotinha chegou à porta, vendendo biscoitos para as escoteiras. Reg gritou com ela, disse-lhe que fosse vender aquilo no inferno, que sabia perfeitamente por que estava ali, e por aí adiante. Jane tentou argumentar com ele. Disse que a menina só tinha dez anos.

Reg respondeu que a gente dos impostos não tinha almas nem consciências.

Além disso, disse ele, a menina podia ser algum andróide. Andróides não estariam sujeitos às leis trabalhistas para crianças. Talvez o pessoal dos impostos houvesse mandado uma escoteira andróide, cheia de cristais de radium, para descobrir se ele estava guardando segredos... e, nesse meio tempo, para impedir de prenha-lo com raios cancerosos.

– Santo Deus! – exclamou a esposa do agente.

– Ela havia esperado uma voz amigável e a minha foi a primeira. Fiquei sabendo a história da menina escoteira, sobre a preocupação de Reg com os Fornits e sua alimentação, sobre fornus e sobre como ele se recusara a ter um telefone em casa ou a usar um. Ela falava comigo de um telefone pago, em uma cabine de drugstore, cinco quarteirões além de sua casa. Disse recear que Reg não estivesse realmente preocupado com a gente dos impostos, homens do FBI ou da CIA. Em sua opinião, o que seu marido realmente temia era que Eles – algum indivíduo e anônimo do grupo que o odiava, que invejava, que não se dedia diante de nada para apanhá-lo – houvessem tomado conhecimento de seu Fornit e quisessem matar a criatura. Se o Fornit morresse, não haveria mais novelas, mais

contos, nada. Com quem? A essência da insanidade. Eles estavam

decididos a liquidá-lo. Resumindo, nem mesmo o Im posto de Renda, que o fizera passar por momentos infernais, no relacionado à renda gerada por Underworld Figures, serviria com o pretexto. No fim, eram apenas Eles. A perfeita fantasia paranóica.

Eles queriam matar o seu Fornit.

– Céus, e o que você disse a ela? – perguntou o agente.

– Procurei tranquilizá-la – disse o editor. – Lá estava eu, tendo retornado pouco antes de um almoço regado a cinco martinis, falando com aquela mulher aterrorizada que me ligava de uma cabine telefônica em um drugstore de Omaha, procurando convencê-la de que tudo estava bem, de que não devia preocupar-se com o marido que acreditava estarem os telefones repletos de cristais de radium, imaginando que um bando de pessoas anônimas enviava escoteiras andróides para liquidá-lo. Disse-lhe para não inquietar-se, se seu marido havia desligado seu próprio talento de sua mentalidade, a tal ponto, que acreditava haver um elfo morando em sua máquina de escrever.

"Não acho que tenha sido muito convincente". Ela me pediu – não, suplicou –

para trabalhar com Reg em sua história, para providenciar sua publicação.

Aquela mulher fez tudo, exceto dizer que "O Projétil Flexível" era o último contato do marido com o que, humoristicamente, chamamos de realidade.

"Perguntei-lhe com o agir, caso Reg tornasse a mencionar os Fornits. "Seja indulgente com ele", disse ela. Foram suas exatas palavras – seja indulgente com ele. E então, desligou.

"No dia seguinte, havia uma carta de Reg na correspondência – cinco páginas, datilografadas, espaço um. O primeiro parágrafo era sobre a história. Ele dizia que o segundo rascunho estava indo bem. Achava-se capaz de cortar setecentas palavras das originais dez mil e quinhentas, reduzindo o conto definitivo a nove mil e oitocentas palavras.

"O restante da carta era sobre Fornits e fornus. Suas próprias observações e perguntas... dúzias de perguntas.

– Observações? – o escritor inclinou-se para diante. – Quer dizer que ele os via realmente?

– Não – disse o editor. – Reg não os via, em um sentido real, porém, de outra maneira... suponho que sim. Sabem com o quê: os astrônomos supunham – sabiam –

que Plutão estava lá, muito antes de contarem com um telescópio potente o bastante para vê-lo. Sabiam tudo sobre ele, estudando a órbita do planeta Netuno.

Era dessa maneira que Reg observava os Fornits. Eles gostavam de comer à noite, segundo escreveu. Será que eu já percebera isso? Ele costumava durante todas as horas do dia, porém havia notado que a maioria da comida desaparecia após as oito da noite.

– Alucinação? – perguntou o escritor.

– Não – respondeu o editor. – Sua esposa, sim realmente, limpava o máximo o daquela comida na máquina de escrever, quando Reg saía para sua caminhada noturna. E ele saía todas as noites, às nove horas.

– Eu diria que ela teve coragem, ligando para você – grunhiu o agente, remanejando o corpo volumoso na cadeira de jardim. – Ela própria costumava a fantasia do homem.

– Acho que não entendeu por que ela me telefonou e por que estava tão perturbada. replicou quietamente o editor. Olhou para a esposa do escritor. – Pois aposto que você entendeu, Meg.

– Talvez – disse Meg, e dirigiu ao marido um desconfortável olhar de esguelha. –

Ela não se irritou por você incentivar a fantasia do marido. Apenas, tinha medo que você a transtornasse.

– Muito bem ! – exclamou o editor, acendendo outro cigarro. – E ela removia o alimento pelo mesmo motivo. Se a comida continuasse a acumular-se na máquina de escrever, Reg faria a dedução lógica, partindo diretamente de sua própria e decididamente ilógica premissa. Ou seja, que seu Fornite morria ou tinha ido embora. Portanto, não haveria mais fôrnus. Em resultado, não haveria mais escritos. Daí...

O editor deixou a palavra em suspenso na fumaça do cigarro, depois prosseguiu:

– Reg imaginou que os Fornites deviam ser criaturas notívagas. Elas detestavam barulho – ele já percebera que não conseguia escrever pela manhã, após reuniões ruidosas – odiavam a televisão, a eletricidade livre e o radium. Reg vendera sua TV para a Goodwill por vinte dólares, segundo afirmava, e há muito se fora o seu relógio de pulso com mostrador de radium. Depois, as perguntas.

Com o eu ficara sabendo sobre os Fornites? Seria possível que tivesse um morando comigo? Em caso afirmativo, o que eu pensava disto, disto ou daquilo? Acho que não preciso ser mais específico. Se vocês já possuíram um cão de determinada raça e podem recordar as perguntas feitas sobre cuidados com ele e alimentação, percebem a maiorias das perguntas que Reg me fez. Um pequeno rabisco abaixo de minha assinatura, foi tudo quanto se precisou, para que se abrisse a caixa de Pandora.

– O que escreveu em resposta? – perguntou o agente.

– Foi aí que realmente comecou o problema – respondeu lentamente o editor. –

Para nós dois. Jane havia dito "Seja indulgente com ele" e foi o que fiz.

Infelizmente, acho que exagerei. Quando respondi à carta, estava em casa e muito bêbado. O apartamento me parecia demasiado vazio. Tinha um cheiro rançoso de excesso de cigarros fumados e pouca aeração. As coisas tinham

piorado muito, sem Sandra por ali. As cobertas em cima do sofá estavam am

arfanhadas. Havia pratos suj os na pia, esse tipo de situação. Eu era um homem de meia-idade, despreparado para a domesticidade.

"Enfiei uma folha de papel de minha correspondência pessoal na máquina de escrever, e pensei: Preciso de um Fornit. De fato, eu precisava de uma dúzia deles, para que tirassem o pó desta minha solitária com fornos, de ponta a ponta. Naquele instante, de fato eu estava bêbado o bastante para invejar a fantasia de Reg Thorpe.

"Naturalmente, escrevi para ele que tinha um Fornit. Disse-lhe que o meu tinha incríveis características similares ao dele. Era notívago. Odiava barulho, mas parecia apreciar Bach e Brahms... Falei que era com um executar meu melhor trabalho após uma noite ouvindo-os. Descobri que meu Fornit mostrava uma decidida predileção por salsichão Kirschner's... – Reg já fizera essa experiência?

Eu simplesmente deixava pequenas migalhas perto do Scritto que sempre carregava – meu lápis azul editorial, caso não saibam – e, pela manhã, estava quase tudo consumido. A menos que, como dizia Reg, tivesse havido barulho na noite anterior. Falei-lhe que ficara satisfeito em saber do detalhe sobre o radium, embora não possuísse um relógio de pulso com mostrador fosforescente.

Acrescentei que meu Fornit estava comigo desde a universidade. Fiquei tão entusiasmado com minha invenção, que escrevi quase seis páginas. No final, acrescentei um parágrafo sobre a história, algo bastante superficial, e assinei.

– E abaixo de sua assinatura...? – perguntou a esposa do agente.

– Claro. Fornit Som e Fornus. – O editor fez uma pausa. – Não podem enxergar no escuro, mas fiquei vermelho. Eu estava tão infernalmente bêbado, tão infernalmente tocado... É possível que eu tivesse de ideia à fria luz do dia, mas então já era muito tarde.

– Colocou a carta no correio à noite? – murmurou o escritor.

– Exatamente. E então, por uma semana e meia, contive o fôlego, enquanto esperava. Certo dia, chegou o meu manuscrito, endereçado a mim, sem nenhum

a carta. Os cortes estavam com o haviam os discutido e pensei que a história houvesse ficado perfeita, mas o manuscrito estava... bem, eu o coloquei em minha pasta, levei-o para casa e o redatilografei pessoalmente. Estava coberto de manchas amareladas e estranhas. Imaginei...

– Urina? – perguntou a esposa do agente.

– Sim, foi o que imaginei. Contudo, não era. Quando cheguei em casa, havia uma carta de Reg em minha caixa de correspondência. Agora, dez páginas.

Naturalmente, ali vinha a explicação para as manchas amareladas. Ele não conseguira encontrar o salsichão Kirschner's, de maneira que tentara o Jordan's.

"Acrescentou que eles o tinham adorado. Em especial com a ostarda.

"Naquele dia, eu estava absolutamente sóbrio. Contudo, sua carta, acrescida daquelas manchas amareladas através das páginas de seu manuscrito, fez com que eu caminhasse diretamente para o armário de bebidas.

Não apenas passei ao lado do armário, não me multei. Fui em brigar-me.

– O que mais dizia a carta? – quis saber a esposa do agente.

Ela se mostrava cada vez mais fascinada pelo relato e agora, inclinada sobre o ventre algo avolumado, exibia uma postura que fazia a esposa do escritor recordar Snoopy, no teto de sua casa de cachorro, fingindo ser um abutre.

– Desta vez, continha apenas duas linhas sobre a história. Todo o crédito era atribuído ao Fornit... e a mim. O salsichão tinha sido, de fato, uma idéia fantástica. Rackne o adorava e, em decorrência...

– Rackne? – perguntou o escritor.

– Era o nome do Fornit – disse o editor. – Rackne. Então, em decorrência do salsichão, Rackne é que, em realidade, estava por trás do texto reescrito. O

restante da carta era um canto paranóico. Nunca vi nada semelhante na vida.

– Reg e Rackne... um casam ento traçado no céu – disse a esposa do escritor, com um a risadinha nervosa.

– Oh, de m aneira algum a – replicou o editor. – O relacionam ento deles era puram ente de trabalho. Afinal, Rackne era m acho.

– Bem , fale-nos sobre a carta.

– Essa é um a que não sei de cor. Tanto m elhor para vocês. Mesm o anorm alidades, após algum tem po tornam -se tediosas. O carteiro era da CIA. O

entregador de j ornais era do FBI; Reg tinha visto um revólver provido de silenciador, no saco de j ornais que o m enino carregava. Os vizinhos eram espiões de algum a espécie; possuíam um equipam ento de vigilância em seu furgão. Ele não ousava m ais ir à m ercearia da esquina para com prar m antim entos, porque o proprietário era um andróide. Disse que j á desconfiava disso antes, porém que agora tinha certeza. Ele vira os fios que se entrecruzavam sob o couro cabeludo do hom em , nas partes que com eçavam a ficar calvas. Além do m ais, estava alta a contagem do radium em sua casa; à noite, podia ver um a m ortiça claridade esverdeada nos aposentos.

"A carta term inava assim : "Espero que responda a esta e m e ponha ao corrente de sua situação (e do seu Fornit), com referência a inim igos, Henry. Acredito que este nosso relacionam ento tenha sido um a ocorrência que transcende à coincidência. Poderiam os dar a ele o nom e de alerta-vital (de Deus? Da Providência? Do Destino? Inclua o term o que desejar) no últim o instante possível.

"Não é crível que um hom em fique sozinho por tanto tem po, contra m il inim igos.

E quando, afinal, descobrir que não se encontra só... seria exagero dizer que a com unidade de nossa experiência se levanta entre a m inha pessoa e a destruição total?

Talvez não. Eu preciso saber: os inim igos estão atrás de seu Fornit, com o estão de Rackne? Em caso afirm ativo, com o você m anej a a situação? Em caso negativo, tem algum a idéia de por que não estão? Repito, eu preciso

saber."

"A carta continha o desenho do Fornit Som e Fornus abaixo da assinatura e, em seguida, vinha um P.S., constando de apenas um a frase. Contudo, um a frase letal.

O P.S. dizia: "Às vezes, desconfio de m inha esposa."

"Li a carta do com eço ao fim três vezes. No processo, dei cabo de um a garrafa inteira de Black Velvet. Com ecei a considerar opções sobre com o responder àquela carta. Era um grito de socorro de um hom em afogando-se, sem qualquer dúvida. A história o m antivera lúcido por algum tem po, m as agora ela ficara pronta. E agora ele dependia de m im para continuar lúcido. Era algo perfeitam ente racional, desde que eu acarretara tudo aquilo.

"Andei de um lado para outro dentro de casa, por todos os aposentos vazios.

Então, com ecei a desligar coisas. Estava m uito bêbado, lem brem -se, e um a forte bebedeira abre vias inesperadas de sugestibilidade. Daí o m otivo de editores e advogados optarem por três drinques, antes de falarem sobre contratos, à hora do alm oço.

O agente deu um a risada ruidosa, m as os ânim os perm aneceram rígidos, tensos e incôm odos.

– Por favor, tenham em m ente que Reg Thorpe era um senhor escritor. Estava absolutam ente convicto do que dizia. FBI. CIA. IR. Eles. Os inim igos. Certos escritores possuem o dom m uito raro de refrigerar sua prosa, quanto m ais apaixonadam ente sentem o seu tem a. Steinbeck fazia isso e tam bém Hem ingway. Reg Thorpe tinha o m esm o talento. Quando alguém penetrava em seu m undo, tudo com eçava a parecer m uito lógico. Achava-se m uito provável, um a vez aceita a prem issa básica do Fornit, que o m enino entregador de j ornais tivesse um 38 com silenciador em sua saca de j ornais. Que os universitários da casa ao lado, donos do furgão, poderiam realm ente ser agentes da KGB, com cápsulas m ortíferas em m olares de cera, em penhados em um a m issão faça-ou-m orra, para m atar ou capturar Rackne.

"Naturalm ente, não aceitei a prem issa básica. Contudo, eu sentia grande

dificuldade em raciocinar. E desligava coisas. Primeiro foi a televisão colorida, por que todos sabem que realmente emitem grande radiação. Na Logan's, publicaram certa vez um artigo da autoria de um cientista de reputação inatacável, sugerindo que a radiação emitida pela TV em cores doméstica estava interrompendo as ondas cerebrais humanas o suficiente para alterá-las,

inútil, mas antes mesmo disso. Esse cientista sugeria que talvez fosse este o motivo do declínio das notas em geral dos estudantes, dos testes literários e do desenvolvimento de especialização matemática na escola primária. Afinal, quem fica sentado diante de um aparelho de TV do que uma criança?

"Assim, desliguei a televisão, e isso pareceu realmente arrepiar meus pensamentos. De fato, senti-me tão melhor, que desliguei o rádio, a tostadeira, a máquina de lavar e a secadora de roupas. Lembrei-me então do forno de microondas e o desliguei da parede.

"Senti um verdadeiro alívio, quando os dentes daquela coisa foram arrancados.

Era um dos primeiros modelos no mercado, mais ou menos do tamanho de uma casa e, sem dúvida, realmente perigoso. Hoje em dia, consegue-se fazê-los mais protegidos.

"Ocorreu-me quantas coisas possuímos em uma residência com uma classe média, ligadas à parede. Veio-me à imaginação sobre esses sérios octópodes elétricos, seus tentáculos consistindo de fios elétricos, todos serpenteando pelas paredes, todos ligados a cabos externos, e todos os cabos seguindo para estações de energia elétrica, dirigidas pelo governo.

"Quando fiz aquelas coisas, havia uma curiosa duplicidade em minha mente

—
prosseguiu o editor, após uma pausa para um gole de Fresca. — Essencialmente, eu reagia a impulsos supersticiosos. Há muitas pessoas que não passam debaixo de escadas ou abrem um guarda-chuva dentro de casa. Há jogadores de basquete que se benzem antes de uma jogada decisiva e jogadores de

basebol que trocam as m eias quando estão inferiorizados. Creio que seja a mente racional tocando um acompanhamento em meu estêreo com o subconsciente irracional. Eu diria que se trata de um pequeno aposento acolchoado, dentro de todos nós, onde o único mobiliário é uma pequena mesa dobrável de jogo, sendo a única coisa sobre a mesa um revólver carregado com projéteis flexíveis.

"Quando trocam os de calçada para fugir à escada ou saímos do apartamento para a chuva com um guarda-chuva fechado, parte de nosso eu integral se despe e penetra naquele aposento, onde pega a arma em cima da mesa. Talvez estejam os consciência de dois pensamentos conflitantes: passar debaixo da escada é inofensivo e não passar debaixo de uma escada também é inofensivo. Contudo, assim que a escada está atrás de nós – ou assim que o guarda-chuva é aberto –

voltamos ao ponto de partida.

– Isso é muito interessante – disse o escritor. – Avance um pouco mais para mim, caso não se importe. Quando é que a parte irracional pára realmente de brincar com a arma e aponta para a tampa?

O editor respondeu:

– Quando a pessoa em questão começa a escrever para a seção de leitores dos

jornais, exigindo que todas as escadas sejam retiradas, porque passar debaixo delas é perigoso.

Houve risos.

– Já que fomos tão longe, creio que devam terminar. O eu irracional disparou realmente o projétil flexível no cérebro, quando a pessoa começa a mover-se violentamente pela cidade, derrubando escadas e talvez machucando os que nelas trabalham. Dar a volta em torno de escadas ou passar debaixo delas não é, certamente, um comportamento interdito. Também pouco é comportamento interdito alguém escrever cartas ao jornal, dizendo que a Cidade de Nova York entrou em colapso, porque todos passam

atrevidam ente debaixo das escadas usadas por operários. Contudo, é interdítavel com eçar a derrubar escadas.

– Porque é prem editado – m urm urou o escritor.

O agente disse:

– Você acertou o alvo aí, Henry. Pessoa m ente, sou contra acender três cigarros com um só fósforo. Não sei com o adquiri a m ania, m as é assim que aj o. Aliás, li em algum lugar, que isso com eçou nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial.

Parece que os atiradores alem ães esperavam que os Tom m ies com eçassem a acender os cigarros uns dos outros.

No prim eiro clarão, consegue-se o alcance de tiro. No segundo, avalia-se o desvio da bala. E, no terceiro, estoura-se a cabeça do suj eito. Contudo, m esm o saber disso não fez qualquer diferença. Ainda continuo sem acender três cigarros com um fósforo. Um a parte de m im diz que pouco im porta se acendo um a dúzia de cigarros com um fósforo. A outra, no entanto – esta, um a voz lúgubre e soturna, com o um Boris Karloff interior – diz, Ohhhh, se você fizer isso..."

– Entretanto, nem toda a loucura é supersticiosa, certo? – perguntou tim idam ente a esposa do escritor.

– Será? – replicou o editor. – Joana d'Arc ouvia vozes do céu. Algum as pessoas j ulgam -se possuídas por dem ônios. Outras vêem grem lins... ou diabos... ou Fornits. Os term os que usam os para a loucura, sugerem superstição, em um a ou outra form a. Mania... anorm alidade... irracionalidade... dem ência... insanidade...

Para a pessoa louca, a realidade entortou-se. Com o um todo, a criatura com eça a reintegrar-se naquele quartinho onde está a pistola.

"Contudo, a m inha parte racional ainda estava bem presente. Ensangüentada, esfolada, indignada e talvez am edrontada, m as ainda funcionando. Dizendo: "Oh, está tudo bem . Am anã, quando você ficar sóbrio, poderá ligar tudo

outra vez, graças a Deus. Faça as brincadeirinhas que quiser, mas não passe daí. Não vá além disso."

"Aquela voz racional tinha o direito de estar adrontada. Em nós, existe algo que é muito atraído para a loucura. Todos que olham pela borda de um edifício alto, já sentiram pelo menos uma fraca, móbida vontade de saltar. E quem quer que já tenha encostado uma arma carregada à cabeça...

– Ai, pare! – disse a esposa do escritor. – Por favor!

– Está bem – respondeu o editor. – Meu ponto é apenas este: mesmo a pessoa mais bem ajustada, tem sua lucidez pendendo de uma corda ensebada. Acredito realmente nisso. Os circuitos da racionalidade são fracamente construídos dentro do animal humano.

"Com as tomadas desligadas, fui para meu estúdio, escrever uma carta para Reg Thorpe.

Depois a coloquei em um envelope, selei-a, saí e a postei. Aliás, não me lembro de ter feito nada disso. Estava bêbado demais para lembrar. No entanto, deduzi que fiz, porque quando me levantei, na manhã seguinte, o carbono ainda estava sobre minha máquina de escrever, juntamente com os selos e a caixa de envelopes. A carta dizia o que se pode esperar de um bêbado. Seu conteúdo explicava mais ou menos isto: os inimigos eram atraídos pela eletricidade, assim como os próprios Fornits. Livre-se da eletricidade e estará livre dos inimigos. No fim, eu tinha escrito: "A eletricidade está transtornando suas idéias sobre estas coisas, Reg. Interferência com ondas cerebrais. Sua esposa tem um liquidificador?"

– Com efeito, você começava a escrever cartas para o jornal – comentou o escritor.

– Sem dúvida. Escrevi aquela carta em uma noite de sexta-feira. Na manhã de sábado, levantei por volta das onze horas, com ressaca e apenas vagamente consciente da traquinada com etida na véspera. Senti ondas de vergonha, quando comecei a religar os aparelhos elétricos. A vergonha maior – e medo – foi quando vi o que tinha escrito a Reg. Revisei toda a casa em busca do original daquela carta, rezando para não a ter enviado. Contudo, ela já

estava a caminho de Omaha. E só consegui passar aquele dia, tomando a decisão de carregar minha cruz com o homem e seguir em frente. Foi o que fiz.

"Na quarta-feira seguinte, recebi carta de Reg. Um a página, manuscrita. Toda desenhada com Fornit Som e Fornus. No meio, apenas isto: "Você tinha razão.

Obrigado, obrigado, obrigado. Reg. Você tinha razão. Tudo está ótimo agora.

Reg. MUITÍSSIMO obrigado. Reg. O Fornit está ótimo. Reg. Obrigado. Reg."

– Oh, meu Deus! – exclamou a esposa do escritor.

– Aposto com o mulher dele ficou louca – disse a esposa do agente.

– Nada disso. Porque a coisa funcionou.

– Funcionou? – perguntou o agente.

– Ele recebeu minha carta na correspondência da manhã de segunda-feira. Na tarde desse dia, Reg foi ao escritório local da companhia de eletricidade e disse a eles que cortassem a energia de sua casa. Jane Thorpe, naturalmente, ficou histérica. Seu fogão era elétrico e, de fato, ela possuía um liquidificador, máquina de costura, uma máquina de lavadora-secadora de roupas... bem, vocês entendem. Na noite de segunda-feira, tenho certeza de que ela estava pronta para ter minha cabeça em uma bandeja.

"Contudo, foi o comportamento de Reg que a levou a considerar-me um fazedor de milagres, em vez de lunático. Ele a fez sentar-se na sala de estar e conversou com ela, demonstrando a maior racionalidade. Disse saber que estivera agindo de maneira muito singular. Sabia-a preocupada com isso. Disse-lhe que se sentia bastante melhor com a eletricidade cortada e que ficaria satisfeito em ajudá-la, ante qualquer inconveniência produzida por aquele corte de energia. Depois sugeriu que fossem até a casa vizinha, dizer olá.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Tripulação De Esqueletos"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).